

## A ANÁLISE DO PATRIMONIALISMO, POR RICARDO VÉLEZ, ATRAVÉS DA LITERATURA LATINO AMERICANA

*Bernardo Goytacazes de Araujo*

*MEC – Secretário de Modalidades Especializadas em Educação*

*Núcleo de Estudos Ibérico e Ibero-Americano*

*E-mail: bernardogoytacazes@gmail.com*

**Resumo:** O presente artigo visa demonstrar, em um breve relato, a perspectiva de Ricardo Vélez Rodrigues acerca do Patrimonialismo por meio do livro, “A análise do Patrimonialismo através da literatura Latino – Americana”. Este é um ensaio, tendo como resultado, um estudo do patrimonialismo conforme modelo construído por Max Weber, no que tange a tipologia de dominação, ação e controle, na sua perspectiva de análise a partir da literatura. Vélez propõe um estudo das relações entre construção imaginária e a realidade social latino americana, e escolheu para isso o caminho do “estado gerido como bem familiar” e o modelo teórico que melhor abarca o patrimonialismo.

**Palavras Chave:** Patrimonialismo – Literatura – Dominação – Poder - Política

### 1. Considerações iniciais

O DD. Ministro Prof. Pós Doutor Ricardo Vélez Rodrigues<sup>4</sup>, desdobra-se em sua obra na análise do Patrimonialismo através da Literatura Latino-Americana, constituindo um livro cujo problema principal é a constatação de que na nossa realidade, e em sua percepção literária, o Estado é sempre maior que a sociedade. Neste sentido, o caudilho, ancorado num passado autoritário, exercita o despotismo com saques aos recursos públicos, mantendo a vida da América Latina contingenciada naquilo que ele, o ditador, deseja e entende como sendo o véu a ser descortinado. “O patrimonialismo não seria algo superficial, mas estaria entranhado nos cantos mais profundos da nossa cultura.” (Vélez, 2008. p.13) É como um câncer gestado ao longo do continente e o passo fundamental para identificar e trabalhar com o problema é conhecer os valores imbricados.

Para tanto serão abordadas 5 grandes obras literárias que versarão sobre o assunto, e que o autor as compilou num entendimento acerca da função social destas obras, no viés patrimonialista. Os cinco estudos se arrazoaram à natureza das obras e seus autores. Em Gabriel Garcia Marquez, na obra “*O Outono do Patriarca*”, destaca-se a ditadura venezuelana de Juan Vicente Gomez, que exerceu o poder discricionário entre 1908 a 1935, em que se vislumbra a apropriação do poder com traços do patrimonialismo. Já na obra de Sarmiento, o autor argentino pontua o arquétipo de seu país, no livro “*Facundo, civilización y barbárie em el pampa argentino*”, que denuncia o atraso de seu país, no centralismo absoluto exercido pelo caudilho, quando da unificação das Províncias do Rio da Prata, ao redor de Buenos Aires, na segunda metade do XIX. Na obra de Amaro Juvenal, chamada de “*Antônio Chimango*” faz-se uma

---

<sup>4</sup> Ministro Pós Doutor Ricardo Vélez é graduado em Filosofia pela Universidade Pontifícia Javeriana (1964), graduação em Teologia - Seminário Conciliar de Bogotá (1967), mestrado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (1974), doutorado em Filosofia pela Universidade Gama Filho (1982), Pós-Doutorado no Centre de Recherches Politiques Raymond Aron, CRPRA, França. (1994-96).

sátira-crítica a Borges de Medeiros como um dos mandões da guerra, na região sul rio-grandense, com seu autoritarismo no início do século XX. Já na memorável obra de Octávio Paz, *O Ogro Filantrópico*, destaca-se a estrutura de poder nas mãos do líder, que gesta seu Ogro, “este ente leviatânico que revela-se o denominador comum de sociedades e culturas tão diversas.” (Vélez, 2008, p.12). Outrossim, na saga de Érico Veríssimo destacam-se as características do patrimonialismo no Estado: “autoritarismo, incompetência administrativa, clientelismo, e percepção do chefe político como dono da verdade, do poder, da vida e da morte. E a identificação do Getulismo (...) contra qual lutavam em vão os liberais.” (Idem, p.12).

No início da obra, há uma didática caracterização acerca do que vem a ser o patrimonialismo e como este se fundamenta no âmbito da América Latina, usando dos modelos criados por Weber, na obra *Economia e Sociedade*. Destaca-se a configuração do Estado a partir de uma organização da sociedade ainda com “feições feudais”. “O Estado surge a partir de uma hipertrofia de um poder patriarcal original, que alarga a sua dominação doméstica sobre territórios, pessoas e coisas extrapatrimoniais, passando a administrá-los como propriedade familiar (patrimonial).” (Idem, p.26)

O Estado, como conhecemos, não se estrutura para o bem da sociedade, mas para o benefício dos governantes, do estamento burocrático e dos seguimentos sociais que foram cooptados por eles. “As práticas do nepotismo e do clientelismo constituem o principal caminho por meio do qual se efetiva a privatização do Estado” (Idem, p. 26). A norma jurídica e seu corpo judiciário não exprimem aquilo que deve ser a norma pública da impessoalidade e da transparência.

Para tanto, no ímpeto de destacar a importância de alguns fatos, que mais se destacam na realidade latino-americana, no final do século XX e nas duas primeiras décadas do século XXI, e com seus desdobramentos sendo abarcados por diversas vertentes sociais, políticas e econômicas, abordarei três obras e o destaque patrimonialista que delas derivaram e causaram sérios desdobramentos: 1) Gabriel Garcia Marques, atualizando-o na realidade Venezuelana; 2) Octávio Paz, com a realidade política do México, nas bordas dos Estados Unidos e suas desavenças internas; 3) Érico Veríssimo e a realidade sul-rio-grandense, na Obra *o Tempo e o Vento*, dando como resultado um Brasil Getulista, que saíra modernizado, mas fragilizado democraticamente, resultando nos vindouros períodos liberal e ditatorial em que passará, sendo reorganizado democraticamente só, na constituição de 1988, produzindo uma nova sociedade democrática, que ainda aprende a caminhar neste compasso.

## **2. A obra de Gabriel Garcia – Marques, *O outono do patriarca*.**

A obra de Garcia Marques ficou profundamente conhecida como um dos marcos literários latino-americanos, além do seu destaque nas funções e aplicabilidades do patrimonialismo e do populismo, dentro do contexto latino americano. É um poema sobre a solidão do poder, representada pela alegoria do autoritarismo na América Latina. Faz-se uma escrita com humor sarcástico e irônico a respeito de como "funciona" um regime ditatorial. Há forma de escrita que permite uma leitura "corrida" para que os leitores se imaginem com os fatos

passando todos “ao mesmo tempo”, numa mesma ação, dentro de um mesmo contexto de controle do ditador que tem nas mãos os destinos de seu território e de seu povo. O tempo histórico da obra faz-se avançar e retroceder, fazendo descentralizar a história, o tempo, a geografia e a linguagem, por ordenamento “descompassado” do ditador.

O capítulo destaca-se pela relação existente, na América Latina, a partir da obra “*O Outono do Patriarca*” da ação direta do patrimonialismo, com correlação da ditadura de Juan Vicente Gomez. Entretanto, a obra conta uma história fictícia de um ditador solitário que governa um país nas Caraíbas na América Latina, com todo o viés de um ditador e patrimonialista para governar seu país. Ele faz da administração pública, como um bem próprio, privado seu.

Há um detalhamento acerca da vida e personalidade deste ditador e seus inúmeros filhos espalhados por vários países, sua peculiar maneira patrimonialista de governar. Como era “dono” de si mesmo e de seu território sempre externou seus ministros para nada exercerem – o líder não permitia que outros dessem voz ao exercício do poder, e muito menos descentralizá-los. A única pessoa que tinha algum nível de ação era o Ministro da Saúde, que inclusive era seu médico pessoal, mas nunca o curou de seu problema nos testículos. A esposa do ditador, Letícia Nazareno, “à maneira da mulher de Bonaparte, Josefina, não tinha limites nem escrúpulos para seus gastos” (Idem, p.56). Tudo para a família donatária do poder, e o gasto se dissipa para a população pagar e arcar com os custos. Entretanto o amor de sua vida é a jovem Manuela Sánchez, que contrasta com a idade avançada do ditador. “A bela Manuela é coroada rainha da beleza por indicação do Ditador. Mas a jovem não quer corresponder à corte do velho caudilho, que espalha a morte na ânsia de se tornar dono da vida da amada” (Idem, p.65).

A obra do colombiano Gabriel Garcia Marques nos faz refletir a respeito da figura central (do centralismo administrativo que exercem) de presidentes de modos autoritários que adotam com relação às ações e posturas adotadas, sem deixarem transparecer que são pessoas normais, pois agem na postura do controle completo do Estado com um ímpeto de salvador da pátria e controlador de todos. Além disso, na aparência de que estes “governantes” não tangem aos “sentimentos normais” dos reles mortais. O ditador central tenta “esconder” seu lado humanizado, só deixando ser “normal” quando da relação com a sua mãe e outra, quando do seu verdadeiro amor: Manuela Sanchez.

Quando se cerca de dúvidas a despeito de como se vê, a respeito de si mesmo, depois de já ter passado anos no poder, sua preocupação se torna uma: como a população se comportaria com sua morte? Ele já havia se preocupado muito com isso quando esteve com as pitonisas e ele planeja que “uma vez que não consegue se passar por imortal perante a própria consciência, o hábil prestigiador do poder trata de mostrar que morrerá como herói.” (Idem, p. 32).

Ele, então, resolveu usar seu sócia para passar como morto. Além de observar poucas manifestações em relação a sua morte, e um forte questionamento acerca de suas posturas populistas, a população invade o palácio presidencial e comemora a liberdade, o fim do julgo que lhes pesava aos ombros. Faz-se então a retomada do pensamento central de controlar tudo, e depois de tudo observado, ele parte para a vingança.

O autor utiliza – se dos fatos que os regimes autoritários se caracterizam pelo uso e abuso de poder, não havendo maneiras da sociedade se expressar da forma como entende. E faz-se a crítica que embora “Juan Vicente Gómez tivesse conseguido realizar a unificação política e administrativa da Venezuela, como ficou salientado, fê-lo, no marco do mais rigoroso patrimonialismo.” (Idem, p. 24) Tudo isto corrobora para se entender como a Venezuela veio numa esteira de governos autoritários, e que colocaram este país num caos social, culminando na figura do Ditador Hugo Chávez, e que depois de sua morte, fora substituído pelo não menos autoritário e patrimonialista Nicolás Maduro. Este colocou o país numa caótica situação, fazendo a população padecer de fome e de doenças, por faltas de medicamentos. Ou seja, o peso dos tiranos sobre o Estado, é muito maior que qualquer perspectiva acerca do bem coletivo.

A obra do autor colombiano não destaca o nome do ditador, talvez de propósito, pois inadvertidamente a América Latina ainda sofre, nos dias de hoje, com aqueles que tomam este personagem para si e sangram seus países e cidadãos, por autoritarismo e controle da força, fazendo sofrer a população em geral.

### **3. O estado mexicano como ogro filantrópico, segundo Otávio Paz (1914 – 1998)**

Octavio Paz foi um grande ensaísta de cunho humanista, motivado em grande parte pela curiosidade em perceber temas de abrangência universais e por relatar as questões concernentes a uma cultura cosmopolita. Tais fatos, o fizeram ser uma consciência viva, que com grande magnitude pôde perceber e salientar sua era, tornando-se assim um ponto de referência em cada momento crítico, seja ele ideológico, político, social, econômico, ou até mesmo em caráter moral ou estético. “A realidade de um Estado mais forte do que a sociedade conheceu, no México, e em outros países, a sua justificativa teórica, numa forma de positivismo heterodoxo, visando garantir a ordem social e política” (Vélez, 2008, p.199).

Ao dar início ao incipiente projeto político do México, os crioulos contrastavam entre riquezas, complexidade e originalidade, pois possuíam em si uma formação da Companhia de Jesus. Esta era não só uma educadora da classe dirigente, como também um parâmetro norteador na sua consciência moral e política. O império Mexicano era apenas uma imagem que se mostrava de maneira antagônica. Em um primeiro momento, parecia um prolongamento do Estado Espanhol, entretanto, lidava com elementos étnicos, culturais e raciais que este mesmo Estado não poderia dar conta. A Nova Espanha era uma realidade social muito mais vasta do que o parâmetro norteador que a orientava.

A expulsão dos jesuítas cria uma crise sem tamanho, pois mexe na intelectualidade dos crioulos mexicanos. Não só perdêramos educadores, como também os ditames filosóficos que os norteavam e garantiam sua existência. Neste momento, outras formas de se pensar são buscadas e então buscam a outra América, aquela que não foi concebida pela Contrarreforma, mas pela afirmação do novo e do revolucionário. “Uma de língua inglesa, é filha da tradição que fundou o mundo moderno, a Reforma, com suas conseqüências políticas e sociais, a democracia e o capitalismo; a outra é de fala portuguesa e

castelhana, filha da monarquia universal Católica e contrarreformista!”<sup>5</sup> Eis aí o parto do novo México, em que a Nova Espanha para se firmar se separa da Espanha, negando-se a si mesma. E esta negação foi não só a morte de si mesma, como também o nascimento de uma nova sociedade mexicana<sup>6</sup>.

Os ricos que governavam estas terras nunca foram de cunho liberal, bem como democrático. São visionários dos EUA, por interesses econômicos e políticos, porém a sua moralidade e seus pensamentos se conjugam na ação autoritária, patrimonialista, caudilhista.

Ao passo que nos EUA<sup>7</sup> as instituições saíram fortalecidas do processo de rompimento entre Estado e Igreja, dando ênfase no indivíduo, na América Latina ocorreu o contrário. Do rompimento entre a Igreja e o Estado o que ocorre é o fortalecimento do controle das consciências individuais e das vontades de cada um. “*A revolução política na América Latina, não passou de mais uma manifestação patrimonialista hispano-árabe. Combateu a Igreja como um rival, fortaleceu o Estado autoritário, os caudilhos não foram mais brandos que os conservadores; acentuou o centralismo, tornando endêmico o caudilhismo.*”<sup>8</sup> O México estava, como toda a América Espanhola, condenado a ser livre, entretanto, sua tradição sempre havia negado a liberdade e a modernidade. Este México não conseguiu ser um Império, mas uma República, e a ideologia que alimentou sua classe governante não foi a de um império católico, mas de um nacionalismo burguês. As leis e os parâmetros foram mudados, entretanto os homens não, nem as relações de propriedade e de dominação.

Levando em conta a formação dos Estados Unidos e do México, percebemos que ao penetrarmos nas profundezas de ambos, percorremos câmaras que são ao mesmo tempo, de horrores e de maravilhas. Entretanto existe uma diferença: o castelo do ogro surpreende-nos por seu arcaísmo; os EUA por suas novidades<sup>9</sup>. No antagonismo que percebemos na América do Norte, vemos que as questões vão muito além de simples limites de fronteiras, mas permeiam os ditames intelectuais, as posturas de entendimento perante o mundo e as formulações culturais. Os EUA são uma democracia interna sim, mas ao mesmo tempo se apresentam como um império que avança a passos largos rumo à sua sustentação. E o México é um dos alvos diretos desta ação que é proveniente do “norte”.

Assim, o autor nos permite observar, em sua obra o *Ogro Filantrópico*, a ditadura que ocorreu no México, por mais de setenta anos, que se apresentou sobre a égide do Partido Governista do México, o Partido Revolucionário Institucional (PRI). Nesta obra, Paz vai costurando um entendimento sobre a forma de abafamento que este regime ditatorial - patrimonialista causou na vida social e cultural do México.

<sup>5</sup> PAZ, Octávio. *O Ogro Filantrópico*. p.67

<sup>6</sup> “A independência foi um falso começo: libertou-nos de Madri, não do nosso passado. À medida que os nossos sonhos de modernidade se dissipavam, crescia o fascínio pelos EUA. (...) Estes além de serem um ideal político e social, eram um poder intruso, um agressor.” (PAZ, Octavio. *O Ogro Filantrópico*. p.73)

<sup>7</sup> “A adoção de um modelo norte-americano contribuiu para a desagregação dos valores tradicionais; a ação política e econômica do imperialismo norte-americano fortaleceu as arcaicas estruturas sociais e políticas. Essa contradição revelou que a ambivalência do gigante não era imaginária, mas real.” (PAZ, Octavio. *O Ogro Filantrópico*. p.76)

<sup>8</sup> \_\_\_\_\_p.72

<sup>9</sup> \_\_\_\_\_p.78

Para se fundamentar nas análises de contexto, várias linhas de entendimentos são lançadas, inclusive a importância do positivismo no México. Ao analisar o contexto da segunda metade do século XX, o autor já se coloca assustado sobre a grande divisão que ocorria entre países pobres e países ricos. É feita uma análise do ponto de vista cultural e histórico e logo este fosso existente toma dois opostos: países centrais ou imperiais e países periféricos ou marginais (países sujeitos e países objetos). A dicotomia em que o México vive de ser ao mesmo tempo América do Norte e Latina. Ao norte geográfico fazendo coro com os EUA e Canadá – colocando-os na posição de destaque nas Américas. Ao mesmo tempo, se encontram travado na realidade pobre e ainda patrimonial Latino Americana, sendo separados por grande muros, do “sonho” do Norte e encravando-os nas mazelas do Sul.

## 5. O patrimonialismo sul-rio-grandense – a obra de Érico Veríssimo

Érico Veríssimo é o grande autor gaúcho que melhor expressa, na sua escrita, o patrimonialismo atrelado na realidade nacional, assim como assumindo o eco desta modalidade na vida cotidiana dos cidadãos e seus desdobramentos. Érico é, decididamente, um liberal. A obra trabalhada, *O Tempo e o Vento*, em sua trilogia composta por: Parte I: O Continente, Parte II: O Retrato, e Parte III: O Arquipélago, sintetiza o pensamento patrimonial no Sul do Brasil, destacando o autoritarismo como característica fundamental dos governos gaúchos, flagrados nos personagens da obra.

O Estado Patrimonial, no Rio Grande do Sul, produziu figuras ilustres como Júlio de Castilhos, Borges de Medeiros e Getúlio Vargas. Estes fizeram da gestão do Estado, usando do clientelismo e de uma estrutura familística, que não funciona e trava seus elementos na burocracia.

Na narrativa de Érico, assim como nas de outrora, o chefe do poder é o dono da verdade, dono do poder, da vida e pretendente sobre a morte. A sociedade estava dividida, em clima belicoso de fim do império, entre Maragatos (monarquistas liberais) e Pica-Paus (republicanos positivistas), que faziam o controle das informações, para seus grupos, daquilo que mais lhes interessava.

A palavra do chefe era sempre a final e trazia, em si, um toque de suma verdade, algo inquestionável. “Esse poder para controlar as informações, traduziu-se num estatismo crescente, que terminou evoluindo, com o Estado Getuliano, para uma estatização da economia, pondo as unidades da federação a pedir esmola no Centro do Poder.” (Vélez, 2008. p.220). O Centralismo Varguista vem substituir as oligarquias regionais, em especial em São Paulo, a cafeeira, que dominavam o Brasil, no fim do império e na República Velha. Vargas troca este modelo pelo centralismo no ente Federal, e diminui a força regional, assim como fez no Rio Grande do Sul. Getúlio, é para Veríssimo, a sumula do ditador patrimonial, aquele que se torna a maior herança do castilhismo, moldando ao seu redor o processo modernizador e unificador do Brasil. A mesma tendência de governar por decretos, que no Rio Grande do Sul era uma grande praxe, faz-se presente na ação de Getúlio no Catete. “Peça chave do autoritarismo castilhista era a tendência a legislar por decreto, que tinha sido consolidada pela Constituição Estadual de 1891, da lavra de Castilhos. Essa

tendência foi praticada por Borges de Medeiros e por Getúlio, no plano estadual.” (Idem, p. 225).

Getúlio vem preparando sua ascensão nacional desde quando participou do gabinete de Washington Luiz, e depois como presidente do Estado do Rio Grande do Sul, entretanto, em 1923, quando liderou a bancada gaúcha na Câmara dos deputados. Lá aprendeu, com base teórica em Oliveira Viana, que o Brasil não se resumia só ao Rio Grande do Sul e que para conquistar o poder, a modernização e reformismo deveriam fazer parte da pauta a ser tratada. Assim, a revolução de 30, na visão de Érico, os Castilhistas do Rio Grande do Sul, constituíram, sob controle de Castilhos e de Borges, uma liderança civil, que terminou cooptando os militares, assim como a tomada de poder no golpe que findou a república velha.

Outro grande traço destacado na obra de Veríssimo, acerca do Patrimonialismo, é relativo à corrupção no governo de Getúlio, em que os interesses de um grupo, muitas vezes, se sobrepujavam ao bem coletivo. “Na trilha da generosidade para com o dinheiro público, fartamente utilizado como instrumento político, Érico destaca figura de ‘Pai dos Pobres’”. (Idem, p.233). Vargas é a figura do Maquiavel caboclo, pois não se deixa levar nem pelas paixões e nem pelo medo, mas pela índole do ditador que objetiva o alvo no controle de seu tempo e de seu espaço. “A volúpia do poder getuliana, enraizava-se, não apenas numa natureza burilada para o mando, mas também na profunda convicção do líder, de que era necessário, para sobreviver na luta política, saber se mimetizar no contexto dos concorrentes, a fim de não se desgastar com agressões gratuitas.” (Idem, p.235).

A grande admiração de Érico pelos valores do Liberalismo “encontrou nos gaúchos belos exemplos de devoção à causa das liberdades. O maior deles era o conselheiro Gaspar da Silveira Martins, um dos líderes do partido liberal, no Império.” (Idem, p.243). São vários trechos dedicados ao pensamento liberal e a forma como esse homem público destacou suas bravas ações, muito fundamentada na personalidade do Imperador Pedro II, que dava vida às Instituições Imperiais. Destaca-se aqui, que Érico também vislumbrou fatos do patrimonialismo no Império, face a personificação da instituição, no Imperador, ou seja, há uma análise em que se reduz todas as ações às dimensões pessoais, e não institucionais. Muito da obra se destaca na figura do Imperador. Mesmo quando os personagens “passam a folhinha” e se vêem no 15 de novembro, já na república, externam um grande descontentamento com a causa republicana, saudosos do Império. “A monarquia é uma instituição profundamente enraizada na lama popular. Essa é uma convicção que se sedimentou no pensamento de Érico.” (Idem, p. 248)

Para Érico, no geral, a República piorou a vida dos brasileiros, na medida em que se encarcerou num modelo autoritário, no qual jamais conseguiu se ver livre, salvo em esporádicos episódios democráticos. “A República foi instaurada, na contra-mão do Rio Grande do Sul e do país em geral. Não foi opção democrática, que consultasse os interesses de todas as pessoas. Foi fato vertical, que terminou privilegiando o Centro sobre as outras partes da nação.” (Idem. p. 249) Houve um sonho com uma república idealizada, romântica e que o Rio Grande, nos seus primórdios não deveria ter esquecido. Haverá um grande contraponto sobre o que se pensava de República como algo a ser gestado, e

os problemas encontrados. Érico levou as críticas do patrimonialismo, em especial o gaúcho, e a forma populista de se fazer política no Brasil.

A visão de Érico abarcava o mundo a sua volta, com os horrores da II Guerra Mundial, cooptando também a posição do Brasil e dos brasileiros, face aos desdobramentos que aqui ocorriam, sejam políticos, econômicos ou sociais. Veríssimo foi um homem de seu tempo, que sou olhar o contexto, e produzir por meio da literatura, uma análise robusta de país.

## 6. Considerações finais

Percebe-se que a literatura na América Latina cumpriu e cumpre, posição de vanguarda, exacerbando as características do continente e seus desdobramentos. O patrimonialismo se enraizou por aqui, ainda no século XXI, personificando pessoas em detrimento das instituições. Buscam-se argumentos para valorizar a ação pessoal e diminuir a ação das instituições. Trata-se de administrar o público como sendo privado, levando a cabo vontades pessoais, em oposição ao bem coletivo. A América Latina carece de uma poderosa intervenção social, que a mobilize a dar ênfase e fortificação em suas instituições, garantindo democracia e liberdades, forjando o bem das nações e execrando quem faz do poder político, palanque de massacre das populações, destinando-as a pobreza. A América precisa vencer seus limites, e pesadelos que rondam noites traiçoeiras.

## Referência bibliográficas

ARAUJO, Bernardo G. **Uma leitura da realidade Mexicana e Latino Americana**. Centro de Estudos Estratégicos Paulino Soares Fernandes – UFJF.

PAZ, Octávio. **O Ogro Filantrópico**. Barcelona: Editorial Seix-Barral.

VÉLEZ RODRIGUES, Ricardo. **A análise do Patrimonialismo através da Literatura Latino Americana**. Rio de Janeiro: Ed. Documenta Histórica: Instituto Liberal, 2008.

\_\_\_\_\_. **Estado, Cultura y Sociedad en la América Latina**. Universidad Central – Colômbia.

\_\_\_\_\_. **Patrimonialismo e a realidade latino-americana**. Rio de Janeiro - Documenta Histórica.

\_\_\_\_\_. **O Patrimonialismo Sul-Rio-Grandense na Obra de Érico Veríssimo**. Portal Defesa – UFJF, 2007. [www.ecsbdefesa.com.br](http://www.ecsbdefesa.com.br)

**Abstract:** The purpose of this article is to demonstrate, in a brief account, the perspective of Ricardo Vélez Rodrigues, about the Patrimonialism through Latin American Literature". This is an essay, resulting in a study of patrimonialism according to the model constructed by Max Weber, regarding the typology of domination, action and control, in its perspective of analysis from the literature. Vélez proposes a study of the relations between imaginary construction and Latin American social reality, and chose for this the path of the "state managed as a family well" and the theoretical model that best encompasses patrimonialism.

**Keywords:** Patrimonialism - Literature - Domination - Power - Politics